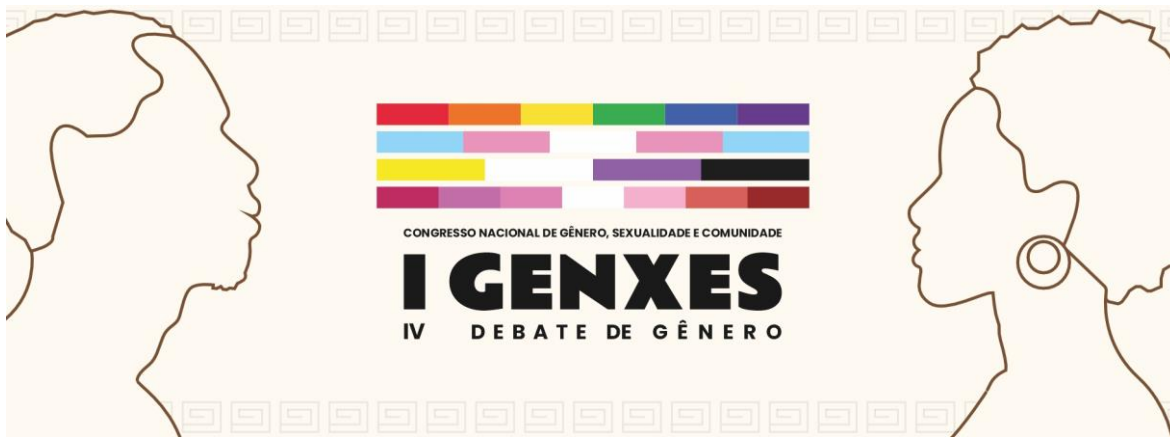




## **PRODUÇÃO SOCIAL DE SAÚDE EM TERRITÓRIOS-AFETIVOS: O BAR OVO E AS VIVÊNCIAS DE PESSOAS NEGRAS SEXO-GÊNERO-DIVERSAS**

**Eixo Comunitário:** Gênero, Sexualidade e Saúde Coletiva

Alef Diogo da Silva Santana<sup>1</sup>

**RESUMO:** O conceito de território, inspirado em Milton Santos (1986), foi crucial para a Reforma Sanitária Brasileira e a construção do Sistema Único de Saúde (SUS). No entanto, essa abordagem negligencia as experiências e relações vividas pelas pessoas; as relações de poder nos territórios e sua própria agência na existência dessas relações. Este texto argumenta que, para pessoas negras sexo-gênero-diversas, certos territórios da cidade de São Paulo não são apenas espaços de adversidade, mas também locais de produção de afetividades, cuidado e reinvenção, ou em outros termos, de produção social de saúde. A pesquisa, de abordagem etnográfica, investiga essa produção social de saúde em um território-afetivo chamado Bar Ovo. Ao longo de três anos de trabalho de campo, com observações e registros em diário de campo, a pesquisa revela que as afetividades desempenham um papel central no fortalecimento das redes afetivas e nas teias de solidariedade entre as pessoas interlocutoras do Bar Ovo. Quando analisado e ou aproximado à luz da perspectiva da determinação social do processo saúde-doença, esse fenômeno permite trilhar caminhos inovadores na produção social de saúde, especialmente ao refletir sobre as relações sociais entre mulheres negras dissidentes.

**Palavras-chave:** Território. Etnografia. Saúde Coletiva. Pessoas sexo-gênero-diversas. Redes afetivas.

### **Notas introdutórias**

Teoricamente, o conceito de território possui raízes etimológicas que se desdobram em significados importantes, como “terra apropriada” (territorium) e “medo de entrar no território” (térreo-territor) (Gondim, 2011; Haesbaert, 2020). Esse conceito revela, portanto, um campo de discussão nas diversas áreas disciplinares, incluindo a Saúde Coletiva, onde sua polissemia destaca a complexidade das relações sociais, políticas e econômicas que se estabelecem nas práticas de cuidado e em suas próprias concepções de território.

---

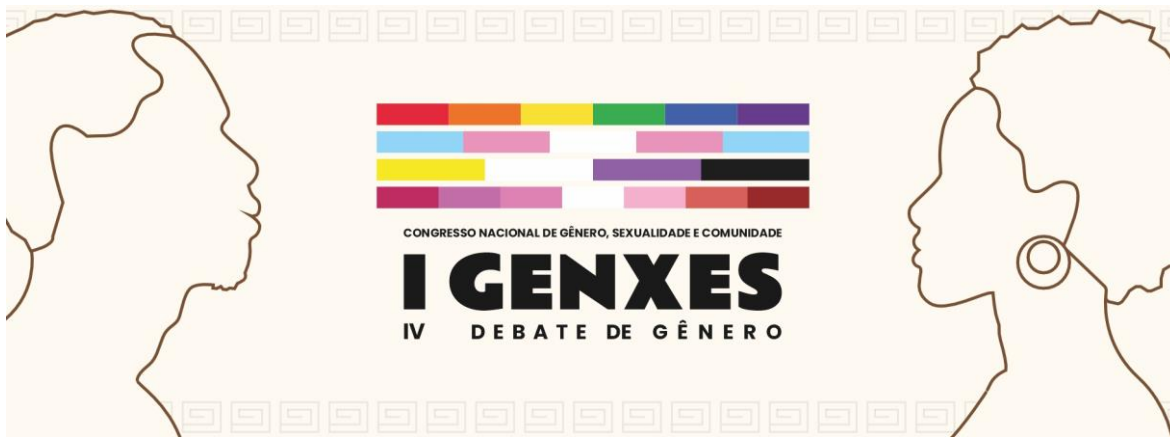
<sup>1</sup> Doutor em Enfermagem. Docente efetivo do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri - Campus Multi-Institucional Humberto Teixeira. Líder do Laboratório de Pesquisas Sociais em Enfermagem e Saúde Coletiva (VOZES). E-mail: [alef.santana@urca.br](mailto:alef.santana@urca.br). Texto resultante da tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) e financiada pela bolsa CAPES PROEX (processo nº 88887.480765/2020-00).



Nos últimos 30 anos, a intersecção entre Saúde Coletiva e Geografia tem promovido uma nova compreensão sobre o território, que foi considerado um eixo transversal para a consolidação da Atenção Primária à Saúde (APS) (Gondim, 2011). O conceito de território, inspirado pelas conceitualizações do Milton Santos (1996), foi fundamental para a Reforma Sanitária Brasileira e para a construção e consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), que foi utilizado conceitualmente para reorganizar os serviços e integrar práticas de saúde, sobretudo, no campo da Saúde Coletiva. No entanto, a definição de território no âmbito das políticas públicas de saúde frequentemente se limita à esfera estatal, onde é estruturado pelo poder público federal, estadual e municipal, com ênfase na gestão e operacionalização de questões administrativas (Faria, 2009).

Do ponto de vista teórico, a problemática dessa perspectiva reside, sobretudo, em ignorar as experiências vividas pelas pessoas que habitam os territórios e as relações de poder existentes neles, concebendo-os enquanto agentes passivos e a-históricos. De forma contrária, a noção de territórios afetivos (Santana, 2024) ou, ainda, dos territórios de afetos (Almeida, 2021) emerge enfatizando a importância das práticas de saúde e cuidado que nascem das interações sociais, da cultura e das necessidades locais das pessoas que compõem o território. O conceito de território em saúde, por sua vez, se aproxima dessa abordagem, reconhecendo-o como um espaço dinâmico e em construção, onde a história, a cultura e as relações sociais influenciam o processo saúde-doença (Mendes, 1993). Portanto, a saúde e o cuidado no território não devem ser vistos de forma dissociada, tampouco o território deve ser considerado apenas como local físico, marcado por questões geográficas. Pelo contrário, devemos compreendê-lo enquanto um dos atores das construções sociais que refletem as condições de vida dos indivíduos, exigindo uma compreensão alargada das particularidades de cada território, indo além de questões biomedicalizantes e estatais.

A problematização e reflexão teórica sobre os territórios de cuidado deve englobar não apenas a organização dos serviços, mas também as relações sociais, culturais e políticas que influenciam as experiências de saúde e cuidado das pessoas envolvidas. É fundamental, por exemplo, reconhecer os saberes locais, as práticas comunitárias e os saberes tradicionais



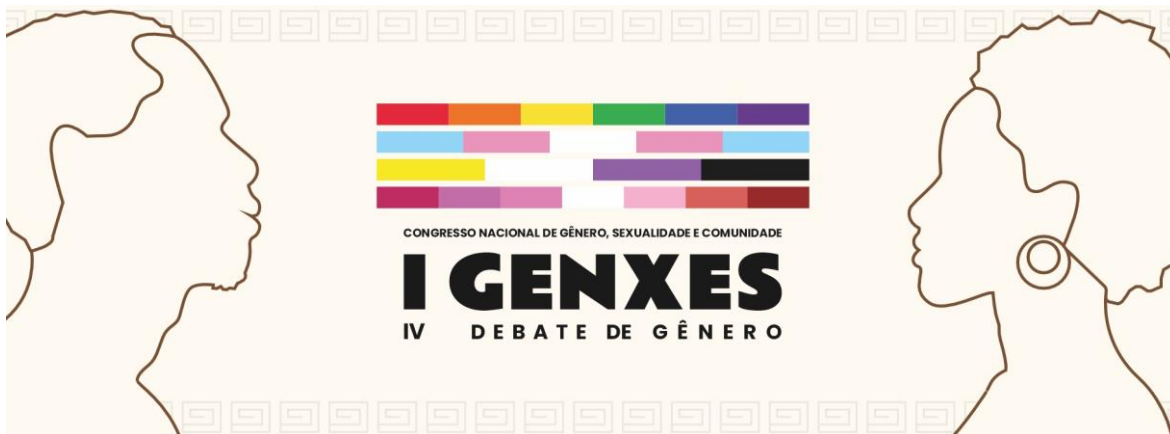
que modelam e se deixam modelar por esses territórios. Ao integrar esses conhecimentos às intervenções de saúde, a Enfermagem em Saúde Coletiva, por exemplo, pode promover um modelo de atenção à saúde que respeita as tradições culturais das comunidades, das pessoas envolvidas nessa dinâmica, dos próprios territórios com suas agências<sup>2</sup> e dinâmicas próprias e visibilizar outras estratégias que as pessoas se utilizam para a produção social de saúde. Ademais, a análise das relações de poder nos territórios pode revelar estruturas que perpetuam desigualdades em saúde e que moldam as políticas públicas.

Nesse sentido, o principal argumento deste texto é de que para pessoas negras sexo-gênero-diversas determinados espaços territórios da cidade de São Paulo não é apenas um cenário de mazelas, mas também um território onde há espaço para a produção de afetividades, de engajamentos sociais, de saúde, cuidado e reinvenção (Santana, 2024). Tendo como pano de fundo essa premissa e em diálogo com a literatura antropológica das emoções, com o campo dos estudos decoloniais e dos estudos de gênero e sexualidade, este trabalho objetiva analisar a produção social de saúde entre pessoas negras sexo-gênero-diversas<sup>3</sup> em determinados territórios da cidade de São Paulo. Ressalto, ainda, que este trabalho, em alinhamento com a perspectiva teórica-metodológica adotada, está demarcado em três seções nomeadas por notas: introdutórias, metodológicas, analíticas e parciais, e que quando analisados e lidos em conjunto, vão compor o argumento central do trabalho.

---

<sup>2</sup>Em termos teóricos, partirei da discussão sobre agência que Bruno Latour (2007) propõe. A agência para Latour se insere na perspectiva da Teoria do Ator Rede (Actor-Network Theory – ANT). Para o autor, a agência não é algo exclusivo dos humanos. Em sua perspectiva, ele argumenta que tanto humanos quanto não-humanos (como objetos, tecnologias, instituições e até fenômenos naturais) possuem agência, ou seja, a capacidade de afetar e transformar a realidade ao interagir com outros elementos. Diferente das abordagens tradicionais que veem a agência como algo ligado apenas à intencionalidade humana, Latour propõe que qualquer coisa que cause efeito em uma rede de relações exerce agência. Assim, a agência, para Latour, não está apenas nas intenções individuais, mas na ação distribuída entre diversos atores que compõem uma rede. O território, na perspectiva da Teoria Ator-Rede, pode ser compreendido como um ator dentro da rede de relações que compõem a vida social. Ou seja, ele não é apenas um espaço físico ou um pano de fundo onde as ações acontecem, mas um elemento ativo que influencia e é influenciado por outros atores, sejam eles humanos (moradores, coletivos, gestores públicos) ou não-humanos (infraestrutura, meio ambiente, políticas urbanas).

<sup>3</sup> Optei, intencionalmente, por utilizar pessoas sexo-gênero-diversas por considerar que esta expressão contempla de forma mais ampla as diversas identidades confrontativas (Vassalo, 2022). No entanto, ao optar por esta e outras categorias conceituais, me atentei para não deixar que elas englobassem outras formas de enunciação de si expressas pelas pessoas interlocutoras tanto nas incursões em campo quanto na escrita etnográfica, como salientado por Morawska Vianna (2017).



## Notas metodológicas

Este texto é resultante de um intenso engajamento com as pessoas interlocutoras da cidade de São Paulo. A pesquisa adota o referencial teórico-metodológico etnográfico (Peirano, 2014; Malinowski, 1978) de forma engajada, e está situada nas fronteiras entre os campos da antropologia e enfermagem. Nesta perspectiva, o etnógrafo não apenas observa, mas é afetado (Strathern, 2014) pelas dinâmicas e complexidades do campo, construindo descrições descentradas (ibidem) e levando a sério (Ingold, 2018) as experiências das pessoas interlocutoras. O trabalho de campo ocorreu ao longo de três anos, com imersões intensas, observações participantes e diário de campo, clássicos da disciplina antropológica.

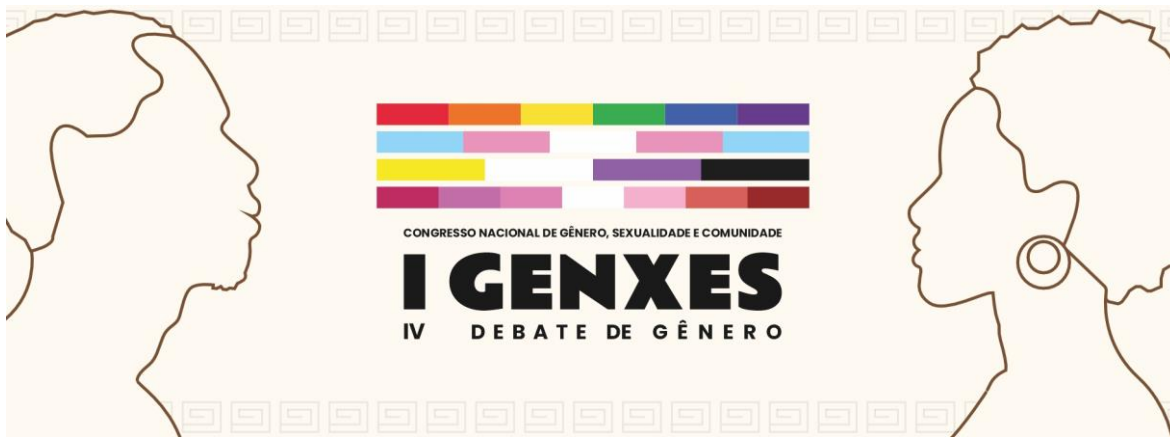
É válido ressaltar que fiz opção metodológica similar à Fravet-Saada (2005) ao conceder estatuto epistemológico à comunicação involuntária e não intencional que tive com as pessoas interlocutoras, sobretudo, naqueles encontros que aconteceram em mesas de bares, festas, reuniões de grupo de estudo, *rolês*<sup>4</sup> pela cidade, almoços e jantares pelo bandeirão do campus Butantã da USP, aniversários, exposições etc., por reconhecer esses momentos, tal como Jeanne Fravet-Saada (2005), como fontes legítimas de conhecimento, se configurando como elementos centrais na pesquisa etnográfica. Para este texto, analisarei a interlocução realizada com duas pessoas interlocutoras.

Por fim, a pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisas (CEP) da EERP/USP sob o n. do parecer 5.383.013. A proposta seguiu todas as normas postas na resolução do Conselho Nacional de Saúde nº510/2016 que envolve pesquisas com seres humanos no campo das Ciências Humanas e Sociais.

## Notas analíticas

---

<sup>4</sup> Os sentidos atribuídos ao *rolê* aqui estão muito mais próximos àqueles que Santiago (2024) observou em sua etnografia, ou seja, ser uma gíria utilizada por jovens para fazer referência ao ato de sair para se divertir. Diferentemente do que foi observado por Pereira (2005) em sua etnografia dos pichadores da cidade de São Paulo. Além disso, utilizarei *itálico* para as categorias enunciadas durante as incursões do trabalho de campo.



### *O bar ovo*

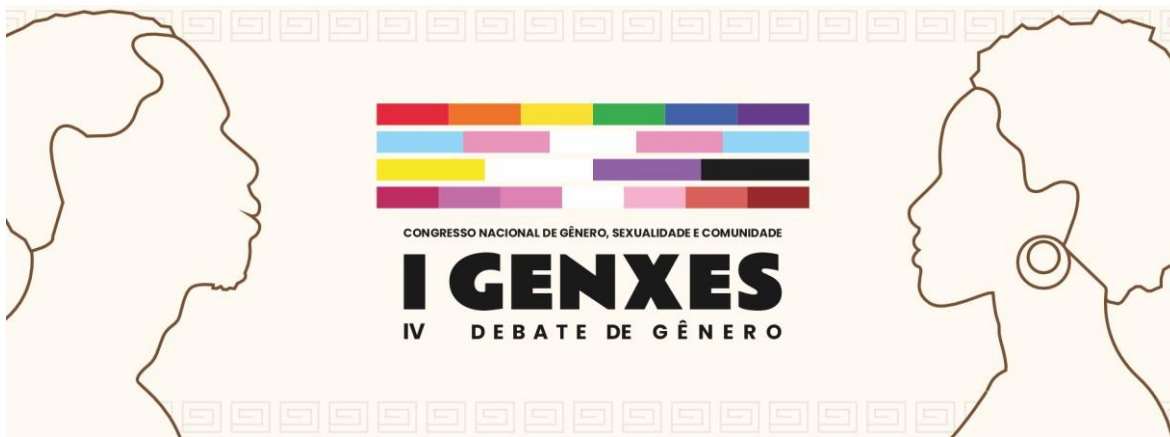
No domingo, 6 de março de 2022, passei o dia trocando mensagens com Virgínia pelo WhatsApp. Conversávamos sobre os planos para a noite. Após uma gripe que me manteve isolado no final de semana anterior, eu já estava melhor e animado para revisitar o Centro de São Paulo. Embora a área fosse conhecida pela presença de pessoas em situação de rua e pela narrativa sensacionalista de insegurança, a experiência de andar por ali com Virgínia, que conhecia bem a região, me trazia uma certa sensação de conforto e segurança. Mesmo cientes dos riscos apontados pelos moradores e pela mídia, a confiança em Virgínia fazia com que eu me sentisse mais à vontade para conhecer outros espaços da cidade, após ter fixado residência em São Paulo. No entanto, ela sempre me aconselhava a não sair sozinho à noite. Esse era um tipo de recomendação que ela dava especialmente para quem não conhecia bem a cidade. Um lembrete constante que reforçava a necessidade de cautela. Virgínia é uma mulher negra, nordestina e bissexual. Morava em São Paulo há, pelo menos, dez anos.

Naquela noite, decidimos buscar um lugar mais calmo, onde pudéssemos conversar sem ser interrompidos pelos sons típicos de uma megalópole ou pela presença constante de vendedores ambulantes. Virgínia sugeriu um bar no bairro da Santa Cecília, região central da cidade, o Bar Ovo, inaugurado no começo daquele ano por Fabiola, uma mulher negra que Virgínia conheceu durante os anos de faculdade na USP. Fabiola e Virgínia, à época, cursavam Licenciatura em Geografia e História, respectivamente.

Virgínia explicou-me que queria apresentar o bar aos seus amigos, ajudando não só a amiga Fabiola, mas também contribuindo para o fortalecimento da rede afetiva daquele espaço, em um momento em que a cidade começava a se recuperar da pandemia de COVID-19<sup>5</sup>. O bar estava inserido em uma área de grande concorrência, com muitos outros bares, e Virgínia acreditava que apoiar o novo estabelecimento era uma forma de contribuir para a

---

<sup>5</sup> Nesse momento do trabalho de campo, já era possível sair e voltar a utilizar espaços com quantidades moderadas de pessoas.



cena local. Perguntei sobre a origem do nome do bar, mas Virgínia fez suspense e pediu para que eu perguntasse diretamente à Fabiola, dona do estabelecimento.

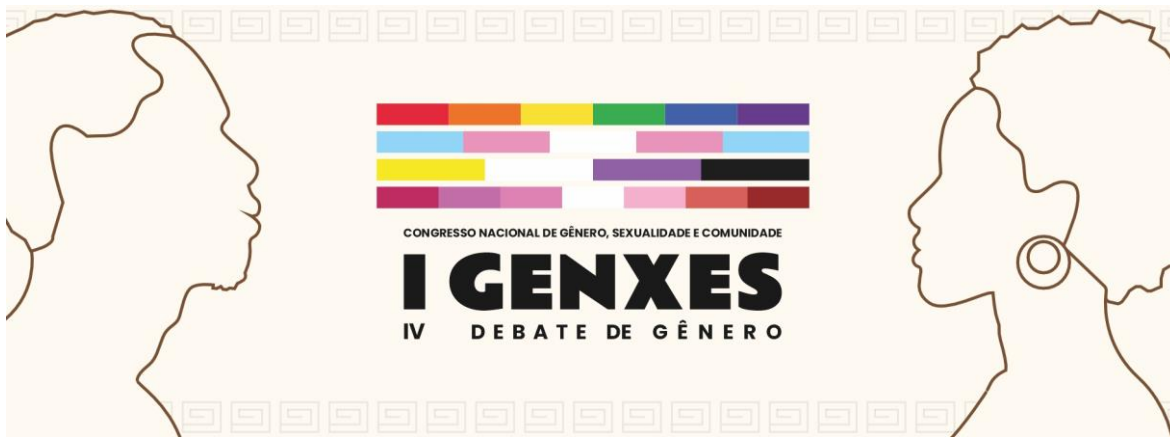
Chegamos ao Bar Ovo por volta das 19h e fui imediatamente impactado pela simplicidade e aconchego daquele espaço. Ao contrário dos bares universitários da região, com suas diversas promoções e DJs animando a noite, o Bar Ovo era pequeno e intimista, e cabia, no máximo, sete mesas. Apesar do barulho da rua, em razão da proximidade com o Hospital Santa Casa de Misericórdia, o ambiente do bar parecia isolado desse caos, oferecendo uma experiência e sensação de acolhimento. A música, transmitida por uma televisão conectada ao celular de Fabiola, trazia uma seleção de clássicos da música popular brasileira, como Elza Soares, Maria Bethânia e Jorge Aragão, que deram ao ambiente uma atmosfera única, algo que Virgínia se referia como *brasilidades* – seletiva, marcada por artistas do eixo Sul-Sudeste.

O bar era decorado com discos de vinil, vitrolas e quadros, incluindo uma parede interativa onde frequentadores podiam deixar mensagens a respeito de igualdade de gênero, respeito à diversidade e à diferença, sexo, sexualidade, raça e racismo. Uma das colagens mais marcantes trazia a imagem de uma criança angolana rodeada de símbolos de ancestralidade negra, como búzios e galhos de arruda. A colagem, que Virgínia havia presenteado à Fabiola, dava visibilidade à rede afetiva-colaborativa-territorial de amigos e contribuições afetivas que se formavam naquele espaço. Virgínia explicou que a obra não foi vendida, mas *oferecida como presente*, e que ela via no quadro um reflexo de seu lado artístico e ancestral, presente naquele espaço.

Além do quadro, a parede também estava repleta de frases e recados, alguns de apoio à pré-candidatura de Lula à presidência, outros afirmando e defendendo a presença de corpos e identidades dissidentes, como pessoas indígenas, travestis e negras. Ao ser convidado a escrever, escrevi *bixa ex-monogâmica*<sup>6</sup>. Observando os outros recados, percebi que a prática de deixar mensagens estava ligada a um senso de pertencimento, com os frequentadores do

---

<sup>6</sup> Em 2021, escrevi o livro *bixa ex-monogâmica* e publiquei de forma independente. O livro, há época, tinha como principal ponto de partida as estruturas que se colocavam às relações monogâmicas.



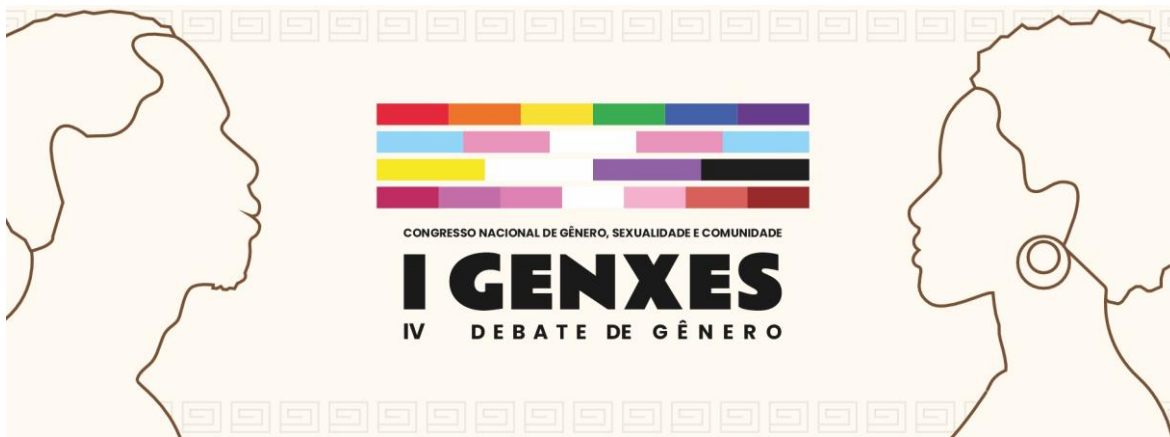
bar frequentemente retornando e deixando suas marcas. Esse espaço de participação me levou a refletir sobre determinados espaços da cidade enquanto territórios dinâmicos e historicizados, moldado pelas interações e afetos de seus habitantes. Nesse caso aqui, em sua grande maioria de pessoas sexo-gênero-diversas.

No interior do Bar Ovo, os frequentadores pareciam confortáveis e conectados, e Fabiola, além de ser a dona, agia como colega e amiga de todos. Ao longo da noite, Virgínia me explicou como ela se sentia em casa naquele ambiente. Ela também comentou sobre como sempre levava pessoas novas ao bar, ampliando a rede de amigos e contribuindo para a divulgação do espaço. Para Virgínia, apoiar o bar da amiga, especialmente no centro de São Paulo, tinha uma dimensão de resistência e solidariedade, pois Fabiola, uma mulher negra, estava ali, desafiando as dificuldades do centro e criando um espaço de acolhimento.

Quando Fabiola chegou à nossa mesa, ela se apresentou com um sorriso largo e uma energia contagiante. Após algumas perguntas e risos, perguntei sobre a origem do nome do bar. Fabiola me explicou que a escolha do nome estava ligada à estética de um objeto: a ideia de algo pequeno e acolhedor. Ela também compartilhou que tinha um brechó, também chamado 'Brechó Ovo'. Nesse momento, aproveitei para perguntar sobre a planta de espada de São Jorge que estava no bar. Fabiola, apesar de ser cristã, acreditava no poder da planta para afastar energias negativas.

A conversa seguiu descontraída, e ao final da noite, Fabiola nos avisou que o bar estava fechando. Nos despedimos com a promessa de voltar no dia 19 de março, para o primeiro samba do Bar Ovo. Fabiola, com entusiasmo, aguardava a divulgação do evento nas redes sociais, e eu prometi que faria minha parte. Ao sairmos, comentei com Virgínia como a experiência tinha sido agradável. Ela, sorrindo, respondeu *sempre frequento os melhores lugares, amigo* e que o Bar Ovo era, sem dúvida, um desses lugares especiais. Sorrimos.

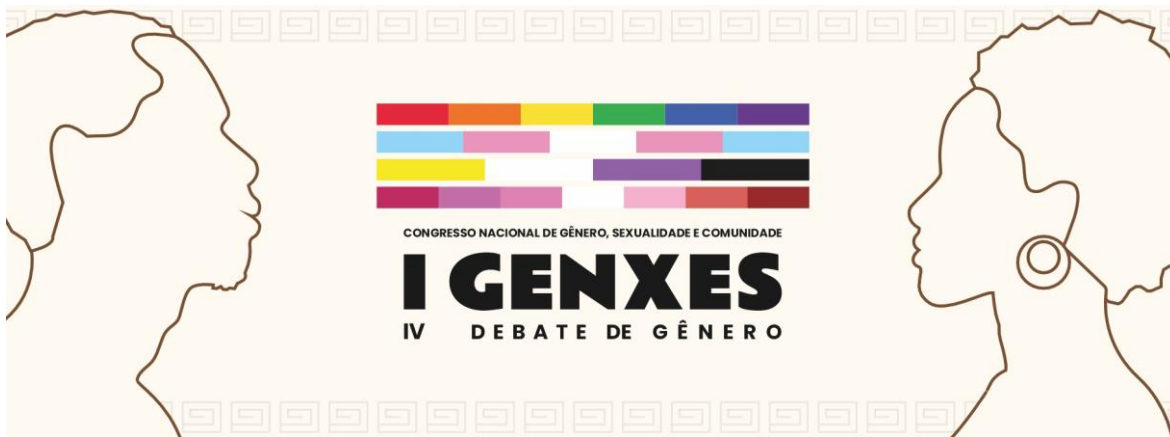
De certa forma, com o tempo, passei a adotar o mesmo comportamento de Virgínia: recomendar e levar novas pessoas ao Bar Ovo, além de divulgar o local em minhas redes sociais. Fabiola, entre risos, depois de um tempo chamou-me de *divulgador número dois do*



bar, com Virgínia sempre mantendo seu título de *divulgadora número um*. A relação entre Fabiola e Virgínia, mediada por esse sistema de apoio mútuo e troca afetiva, evidenciava o prestígio conquistado por aqueles mais próximos e engajados com o bar. Virgínia, ao longo das visitas, era constantemente reconhecida pelo seu apoio ao bar, seja com suas colagens ou pelas pessoas que levava para lá. Não à toa, pude observar e acompanhar Virgínia na organização e realização de aniversários, encontros e até um bazar no Bar Ovo ao longo do trabalho de campo.

Essa dinâmica de troca, de dar e receber, me levou a refletir sobre o conceito de solidariedade e a importância do trabalho de mulheres, e nesse caso aqui negras, que, historicamente, têm se ajudado e apoiado mutuamente como destaca as etnografias de Melo (2022), De L’Estoile (2020) e Trindade (2019). Fabiola e Virgínia exemplificam essa rede afetiva, onde o prestígio não se baseia apenas no consumo, mas na construção de relações afetivas e na valorização mútua. O Bar Ovo se tornou um espaço simbólico, onde a construção coletiva e o fortalecimento de vínculos são mais importantes do que o simples ato de consumir naquele local. A produção social de saúde aqui ganha outros contornos, realçando e adicionando perspectivas das emoções, ou afetivas, nessa equação. Como uma teia de solidariedade, me parece que o Bar Ovo não é apenas um lugar de encontros, mas um território de acolhimento, afirmação, de ser uma pessoa valorizada e reconhecida naquele espaço, especialmente para as mulheres negras e pessoas dissidentes que o frequentam e que nele se encontram.

Além disso, ao alargar a compreensão teórica do território, podemos considerá-lo enquanto fio condutor para assimilar os motivos que atravessam as relações dos indivíduos nesses espaços-territórios, já que assim seria possível mapear aspectos afetivos entre as pessoas e a história desses territórios em que vivem, produzem e constroem suas relações (Santana, 2024). Como exemplo, destaco a contribuição de Maria de Lourdes Bandeira (1988) em sua etnografia sobre Vila Bela, histórica cidade de Mato Grosso. Na ocasião, Bandeira (1988) identificou como a solidariedade, a reciprocidade e a resistência foram componentes essenciais na sobrevivência de pessoas negras naquela região e na fertilização

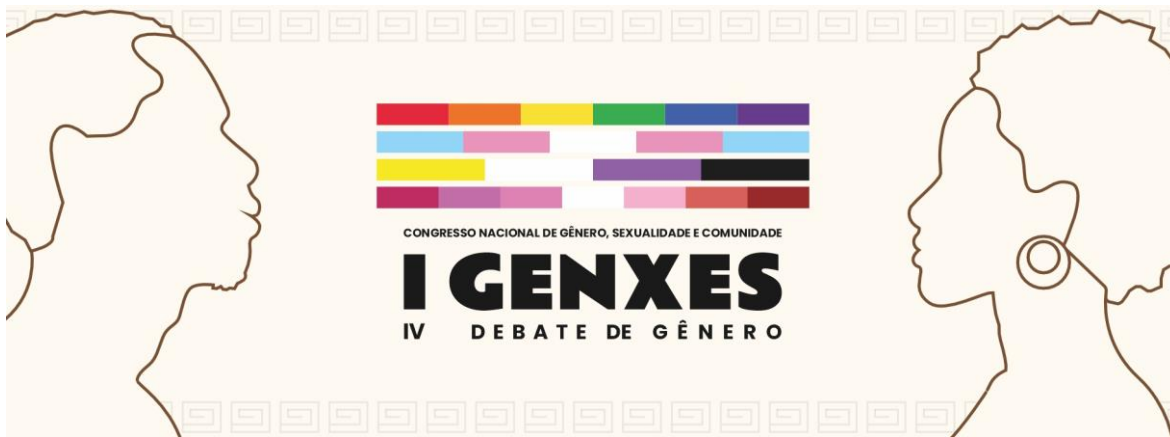


da vida comunitária na “Vila Bela dos brancos” (Bandeira, 1988, p. 122). A gestão de um espaço por pessoas negras contribuiu decisivamente para a constituição da comunidade étnica à época. A territorialidade, apontada por diversos autores como um dos elementos definidores da identidade étnica, foi componente e amálgama da tradição negra da comunidade de Vila Bela.

### Notas finais-parciais

Os dados etnográficos realçam que as mobilizações realizadas por Virgínia no Bar Ovo não são apenas uma forma *ajudar a amiga*, mas também uma maneira de constituir e construir identidade(s) e pertencimentos naquele espaço-território, onde há o envolvimento não só das relações que são construídas, mas também do próprio território, redefinindo conceitos e traçando novos horizontes, materiais e simbólicos, para a sua existência. Na relação das duas, exemplifica-se o sistema de trocas e ajuda mútua que fortalece o empreendimento da amiga, o Bar Ovo, localizado numa região central da cidade de São Paulo, e que é um espaço-afetivo dinâmico, continuamente construído pela presença e interação das pessoas que o frequentam. O fortalecimento da relação entre Virgínia e Fabíola, e entre elas e o Bar Ovo, ganha uma dimensão peculiar quando entra em cena a valorização e prestígio de ser a *divulgadora número um* do estabelecimento, realçando não só o principal argumento do texto, mas também as principais conexões expostas ao longo da seção notas analíticas e sugerindo alguns caminhos inventivos, sobretudo, para pensar a produção de saúde.

A saúde, nesse contexto, ganha uma dimensão pouco abordada na literatura da enfermagem e da saúde coletiva ao se alinhar à perspectiva da determinação social do processo saúde-doença. Nessa perspectiva, as afetividades ou a ausência delas, parece contribuir para o surgimento de redes afetivas, fortalecidas ou não; ou ainda, para as teias de solidariedade e os seus impactos nas relações entre mulheres negras e que são dissidentes. Reforço, ainda, a importância de analisar esse cenário a partir de lentes interseccionalizadas, onde classe, raça, gênero e sexualidade sejam compreendidos a partir de uma lente



caleidoscópica, refletindo na produção social de saúde nos territórios que essas pessoas vivem. As notas de cada seção deste texto cumprem uma função de introduzir e alinhar algumas questões ainda embrionárias no campo da enfermagem e saúde coletiva e que foram tecidas à medida que o trabalho de campo se complexificava e adensava. É um texto, portanto, ainda aberto para o porvir.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, J.P., GONÇALVES, G.L., MACEDO, V.M.C. O que as imagens fazem na Antropologia? **Cadernos de Campo**, 32(2), p.1-7, 2023.

ALMEIDA, M. **Devir quilomba**: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. Elefante, 2021.

ALMEIDA, M. Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. **História Oral**, 24(2), 293–309, 2021.

BANDEIRA, M.L. **Território negro em espaço branco**. Editora brasiliense, 1988.

DE L'ESTOILE, B. “Dinheiro é bom, mas um amigo é melhor”. Incerteza, orientação para o futuro e a “economia”. **Ruris**, Campinas, v. 12, n. 2, set. 2020b [2014], pp. 227 264.

FARIA, R.M., BORTOLOZZI, A. Espaço, Território e Saúde: Contribuições de Milton Santos para o Tema da Geografia da Saúde no Brasil. **R. RA'E GA**, Curitiba, n. 17, p. 31-41, 2009.

Favret-Saada, J. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada (P. Siqueira Trad.). **Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)**, 13(13), 155-161, 2005. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>

GONDIM, G.M.M. **Territórios da atenção básica**: múltiplos, singulares ou inexistentes? Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

HAESBAERT, R. Do Corpo-Território ao Território-Corpo (Da Terra): Contribuições Decoloniais. **GEOgraphia**, 22(48), 2020.

INGOLD, T. **Antropologia**: para que serve? Editora Vozes, 1º edição, 2018.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria ator-rede. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2007.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.



MELO, L.P. **Minha vida todinha foi no meio dos panos**: mulheres, dinheiros e negócios na Zona da Mata pernambucana. Monografia. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, 2022.

MENDES, E.V. **Distrito Sanitário**: O processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.

MORAWSKA, C. Vozes da Diferença: tempo e transformação entre educadores populares em Pernambuco. **Ilha**, v. 19, n. 2, p. 213-244, 2017.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horiz antropol**, 20(42):377-91; 2014.

PEREIRA, A.B. **De rolê pela cidade**: os pixadores de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

SANTANA, A.D.S. **Bixa ex-monogâmica**. Independente, 2021.

SANTANA, A.D.S. **Diferenças, denço e território**: uma etnografia nas relações de pessoas negras sexo-gênero diversas na cidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2024. Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP.

SANTIAGO, L.P.F. **O baile funk na encruzilhada**: uma etnografia dos fluxos de rua na zona sul de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2024.

SANTOS, M., SOUZA, M. A. A., SILVEIRA, M. L. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1996

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Coordenação editorial: Ferrari, Florencia. Tradução: Dullei, Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 576p.

TRINDADE, C.C. “Uma maneira de passarmos a conviver”: descrição de um xitiki familiar na cidade de Maputo, Moçambique (2013-2015). **Revista de História**, São Paulo, n. 178, a05718, 2019

VASSALO, B. **O desafio poliamoroso**: por uma nova política dos afetos. Elefante, 1ª edição, São Paulo, 2022.